

Rádio comunitária na Internet: empoderamento social das tecnologias¹

RESUMO

Estudo sobre a inserção das rádios comunitárias na internet. Objetiva situar o cenário em que as rádios comunitárias atuam no Brasil, compreender as formas de ocupação de espaço na rede pelo rádio, averiguar as tendências de programação, características de cunho comunitário presentes, formas de participação popular viabilizadas, e se há evidências de sua contribuição no exercício da cidadania.

ABSTRACT

This article underlines the insertion of community radios in the internet showing the context in which the community radios act in Brazil. The text aims at understanding which are the forms of space occupation radio takes in the net and its programming tendencies.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Rádio comunitária (*community radio*)
- Rádio na Internet (*radio in the internet*)
- Webradio (*webradio*)

TRATA-SE DE UMA INVESTIGAÇÃO sobre a inserção das rádios comunitárias na internet que procura investigar por que este tipo de emissora marca presença na rede mundial de computadores, já que sua predisposição prático-operacional de inserção parece ser eminentemente local.

Este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre mídia local e comunitária que procura identificar suas principais características em tempo de “glocalização”. Contexto em que se evidencia o avanço da universalização dos meios de comunicação, enquanto simultaneamente os meios locais e comunitários vêm ganhando mais expressividade e importância. Com a democratização do acesso à internet em curso, o rádio de baixa potência – especificamente a emissora comunitária – passou também a utilizar desse canal para transmissão de suas mensagens.

A parte da pesquisa a que se refere este texto parte de um problema que indaga o porquê das emissoras de rádio comunitárias estarem galgando espaços na internet, um ambiente comunicacional de alcance mundial, se sua “vocaçao” é eminentemente local. Uma primeira hipótese é que a presença das rádios comunitárias é modesta, ou seja, basicamente mantendo *sites* em funcionamento, porque seu foco de ação é o território de base geográfica segmentado que requer como suporte principal o dial. A segunda hipótese é a que as rádios comunitárias presentes na internet, apesar de se auto-denominarem como tal, transparecem mais como emissoras comerciais e religiosas do que propriamente comunitárias.

Objetiva-se situar o cenário em que as rádios comunitárias atuam no Brasil, com-

Cicilia M. Krohling Peruzzo

UMESP

preender as suas formas de ocupação de espaço na internet; averiguar as tendências de programação; características de cunho comunitário presentes; formas de participação popular viabilizadas; e se há evidências de sua contribuição para ampliar o exercício da cidadania.

Em termos metodológicos procedeu-se à observação de *sites* de rádios comunitárias através de análise de conteúdo, além de pesquisa bibliográfica. De um universo de 130 (cento e trinta) rádios comunitárias, selecionou-se uma amostra de 94 (noventa e quatro) emissoras, numa primeira fase, e 18 (dezoito) emissoras para a fase final da pesquisa, cujos critérios de seleção estão explicitados na última parte deste texto.

Rádios comunitárias no cenário da sociedade brasileira

Rádios comunitárias são emissoras de baixa potência, regidas pela lei 9.612/1998. Entraram em funcionamento mesmo antes da promulgação da referida lei, pois representam uma demanda de “comunidades”, lideranças locais, entidades sem fins lucrativos e/ou movimentos populares organizados por canais de comunicação autônomos que contribuíssem para o desenvolvimento local, a partir de liberdade de expressão e mobilização social.

Há uma controvérsia envolvendo as rádios comunitárias. Primeiro, por que foram marcadas pelo preconceito de “clandestinas” ou “piratas”, já que inicialmente não tinham respaldo legal para funcionamento. O preconceito foi cunhado pelas forças favoráveis à continuidade do oligopólio das rádios comerciais no setor, sem levar em conta o atraso do Brasil em legalizar o serviço de radiodifusão de baixa potência e o importante trabalho de desenvolvimento comunitário que este tipo de rádio costuma desenvolver.

Os termos “clandestinas” e “piratas” remetem às transmissões de rádios livres dos anos de 1950 em barcos na Inglaterra,

mas que tinham objetivos comerciais, situação adversa à das rádios livres comunitárias brasileiras que nascem sem propósitos lucrativos. O segundo ponto da controvérsia diz respeito à concepção do que seja rádio comunitária.

Há diferentes tipos de rádios de baixa potência que se auto-denominam comunitárias, mas que em muitos casos estão mais próximas às rádios convencionais, tanto comerciais como religiosas. Além das rádios comunitárias, há emissoras que se dizem comunitárias, mas que na prática são de caráter comercial (rádio local como negócio) e/ou vinculadas a igrejas e políticos “profissionais”. Todos estes tipos de emissoras tendem a prestar alguns serviços em benefício das “comunidades”, mas não são propriamente comunitárias, no sentido de pertencerem, ou melhor, de serem gerenciadas e operadas por organizações coletivas representativas locais.

Apesar de sermos totalmente a favor da liberdade de expressão e democratização da mídia, considera-se uma distorção a apropriação privada - para uso particular como negócio ou política eleitoral - de canais de comunicação destinados ao serviço público.

As peculiaridades quanto à propriedade (coletiva, institucional ou individual) contribuem para delinear o tipo de programação e os usos dados ao canal de comunicação. Quando a rádio pertence à “comunidade”, a programação tende a ser participativa e a possuir outras características emancipatórias explícitas (postura crítica e reivindicativa, autonomia política, espaço à criatividade popular etc.).

As rádios comunitárias², propriamente ditas, são aquelas que possuem um caráter público, ou seja, são sem fins lucrativos e comprometidas com a melhoria das condições de vida e o desenvolvimento da cidadania através do envolvimento direto dos cidadãos. Espera-se, portanto, que uma rádio comunitária seja canal para o exercício da liberdade de expressão da população local, favoreça a participação ativa dos

moradores da localidade da emissora, desenvolva um trabalho de informação, educação não-formal, desenvolvimento da cultura e mobilização social, na direção da auto-emancipação cidadã. Caso contrário, tendem a reproduzir estilos de programação e tendências das rádios convencionais, tanto pela ênfase em conteúdo musical, como no alinhamento político a ocupantes de cargos nas instâncias legislativas e do poder executivo local em contrapartida a apoios financeiros. Sem falar nas emissoras de caráter religioso, principalmente evangélicas, que primam por irradiar suas pregações no mesmo estilo dos seus templos. A rádio comunitária, não precisa se privar de inserções de programas religiosos, mas deve manter um caráter plural oferecendo espaço às diferentes igrejas.

Refere-se aqui às grandes tendências, o que não impede de se perceber que, mesmo as rádios – de alto e baixo alcance – sem o caráter comunitário antes referido, também podem contribuir através de sua programação para o desenvolvimento da cidadania. A dificuldade é que, na prática, os meios de comunicação comerciais estão mais propensos a conduzir a programação segundo as tendências do mercado e na perspectiva do lucro, do que do interesse social.

Rádios comunitárias: entre a legalidade e a repressão

Estima-se que existam cerca de 20 mil rádios comunitárias no país, entre legalizadas e não legalizadas, porém tem sido inviável se ter um número exato.

Além do caráter limitante da lei 9.612/98, confirmado por decretos e portarias subsequentes – que restringe seu alcance a 1 km de raio e potência de 25 watts – há por parte do governo uma morosidade na legalização das rádios comunitárias e uma política de repressão àquelas em funcionamento sem a prévia autorização, como se as “comunidades” pudessem esperar dois ou três anos pela autorização.

Às vezes, o tempo de espera é muito maior como o caso da rádio Comunitária Estância, no município de São Roque-SP, fechada em março de 2005. Ela estava há mais de sete anos no ar, desde 1998, e desenvolvia um trabalho comunitário através de “ações de cultura, saúde pública, direitos do cidadão e de formação em comunicação” enquanto aguardava, desde então, a autorização do Ministério das Comunicações (RÁDIO..., 2005, p.1).

Acrescenta-se ainda a existência de outras contradições no processo de legalização, pois o Governo, com frequência, autoriza o funcionamento de emissoras comunitárias ligadas a particulares, igrejas ou a políticos em detrimento de associações comprovadamente constituídas com base em entidades de cunho organizativo-comunitário local, conforme exige a lei. A repressão às rádios comunitárias tem se manifestado através do fechamento de várias emissoras acompanhado pelo lacre e/ou apreensão dos equipamentos e indiciamento dos responsáveis, ação feita pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) e a Polícia Federal. Para surpresa do movimento de Rádios Comunitárias do Brasil, organizado em nível nacional através da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRACO) e de associações congêneres em vários estados da Federação, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva – de tendência progressista – foi o que mais fechou rádios comunitárias nos últimos anos. As operações repressivas, em geral, atingem rádios que alcançam mais popularidade local em decorrência do trabalho participativo e engajado que desenvolvem. Foi o caso da rádio Restinga, de Porto Alegre-RS, fechada em julho de 2004, operação que motivou protestos vindos de diferentes partes do mundo, até porque ocorreu dias após a realização do evento OURMedia³, que precedeu o congresso internacional de comunicação, promovido pela International Association for Mass Media Communication Research (IAMCR), realizados na mesma cidade.

Casos semelhantes estão espalhados por todo o país. Um outro exemplo é a Rádio Comunitária Mega FM, de Juiz de Fora-MG, que funcionou regularmente de 19 de junho de 1997 a 14 de agosto de 2003, quando seus transmissores foram lacrados pela ANATEL, com o respaldo da Polícia Federal. A legalização tinha sido solicitada em dezembro de 1998, cuja documentação cumpria todas as exigências legais, como a comprovação de ser constituída por, no mínimo, cinco entidades sem fins lucrativos locais etc. No entanto, uma outra emissora recebeu a autorização para funcionar na mesma localidade, a Sociedade de Radiodifusão Life de Juiz de Fora, que se intitula como a “primeira rádio evangélica” da cidade (LANHI, 2005, p. 121; 147; 173).

Como a ANATEL age a partir de denúncias recebidas, pressupõe-se que são as emissoras comerciais que delatam as comunitárias em funcionamento sem permissão legal, como forma de eliminar a concorrência. Na sua visão, representam uma ameaça aos índices de audiência e conseqüentemente à fidelização de seus anunciantes.

As especificidades das rádios comunitárias

O cerceamento às rádios comunitárias significa uma ameaça ao processo de democratização da comunicação. Essas emissoras, quando pertencentes às “comunidades”, desenvolvem um papel significativo na ampliação do exercício da cidadania que as emissoras convencionais nem se propõem realizar. Estas últimas operam a partir de uma lógica diferente do ponto de vista da gestão e dos objetivos de programação, o que deixa um espaço específico para a atuação das comunitárias.

As rádios comunitárias vêm sendo reconhecidas como legítimas em processos judiciais movidos contra o fechamento de emissoras no Brasil, cuja argumentação jurídica se baseia no caráter público de sua atuação em favor de localidades, além do direito

constitucional à liberdade de expressão.

Um dos pressupostos básicos da rádio comunitária é o envolvimento da comunidade, maior do que a de um ouvinte que pede músicas ou bate-papo com os locutores. Ou seja, uma rádio comunitária não precisa reproduzir as emissoras comerciais para ter sucesso. Ela tem se revelado como uma outra rádio, uma rádio sem fins lucrativos e movida pelos objetivos de colocar o canal de comunicação nas mãos do “povo” para que as pessoas possam ecoar suas diferentes vozes e participar de todo o processo de fazer rádio: participar da gestão, produzir programas e planejar toda a estratégia da emissora. Claro que não é possível que todos participem de tudo⁴. Mas, todos podem ter seus canais de participação mediante as boas e tradicionais regras de representação, eleição e rotatividade de mandatos.

As especificidades das rádios comunitárias se revelam nas identidades conseguidas no nível da cultura, dos valores e necessidades de cada lugar. É tecer uma programação baseada na realidade local de caráter público. Não é reproduzir em nível local as pautas jornalísticas da grande mídia comercial (PERUZZO, 2003), mas prestar atenção aos acontecimentos da vida cotidiana e realizações do povo. É abordar os assuntos com profundidade e não apenas na forma do *lead*, que se revela eficiente ao responder quem, o que, como, onde e por que, mas que nem sempre dá conta de explicar as causas que movem os fenômenos. É abrir o espaço na programação para que os grupos organizados locais possam veicular seus próprios programas. É oferecer espaço para o cidadão se expressar, independente do credo que professa e de suas convicções políticas. É desenvolver uma gestão democrática e participativa. É oferecer uma programação no contexto de uma práxis que contribua para o desenvolvimento da cultura e da educação informal e não-formal. É ter autonomia, portanto, não depender de políticos ou de comerciantes, sejam eles negociantes de feijão ou de drogas.

A comunicação comunitária encarna os princípios da democracia comunicacional tão bem explicitados pelos mestres Máximo Kaplún, Juan Diaz Bordenave, Luis Ramiro Beltrán e tantos outros que ousaram prestar atenção à comunicação dos setores populares das sociedades latino-americanas. Em última instância, a comunicação comunitária – quando desenvolvida em bases orgânicas e participativas – concretiza um ponto de fusão com o desenvolvimento social local e da cidadania. Pode favorecer a constituição de cidadãos ativos, emissores de conteúdos e gestores da comunicação.

Como as rádios comunitárias têm um papel transformador, pois convertem ouvintes em emissores, cabe tentar compreender se com a inserção no mundo virtual conservam seus princípios originais.

Modalidades de rádio na internet

Como já dissemos, uma das questões norteadoras desta pesquisa foi a indagação do porquê das rádios comunitárias estarem na internet, um ambiente mundial de comunicação, se sua performance é tipicamente local, dirigida a segmentos específicos de ouvintes, que em geral estão localizados em regiões de baixo poder aquisitivo e sem condições de amplo acesso à comunicação mediada por computadores (CMC).

Para tentar compreender esta questão tomamos por base alguns conceitos de rádio na internet, para em seguida observar as formas de ocupação do espaço na rede e, conseqüentemente, captar o sentido desta presença no ciberespaço.

Há diferentes modalidades de rádio na internet. Ligia M. Trigo-de-Souza (2002, p.19), classifica as rádios *on-line* (aquelas que efetivamente estão na rede) em dois grupos: “as que foram criadas exclusivamente para a Internet e não podem ser captadas fora da rede” e as que transferem “suas programações do dial para a Internet”. As do primeiro grupo “têm recebido inúmeras denominações, como ‘Internet-

only’, ‘Webrádios’ ou ‘Rádios Virtuais’”, enquanto as do segundo grupo são identificadas, pela autora, como “emissoras *online*” (TRIGO-DE-SOUZA, 2002, p.19-20).

Já Fernando Kuhn (2002; 2005, p.31), utiliza as denominações “webrádios” (tendo como sinônimo de “netrádio”) para emissoras convencionais de rádio com transmissão via internet, e “virtuais” (ou “webcasters”, ou ainda “Internet-only”) para estações com existência e irradiação apenas na internet⁵. Lembra o autor que “toda rádio virtual é uma webrádio, embora uma webrádio não seja necessariamente uma rádio virtual”.

Neste trabalho usa-se esta última classificação, ou seja, emprega-se os termos rádios virtuais para emissoras que existem apenas no ciberespaço, e *webrádio* para emissoras que irradiam a partir do dial mas que também estão on-line.

Na perspectiva de Paula Cordeiro (2004, p.5), o modelo de rádio que explora a internet paralelamente à emissão regular, assume a sua presença na rede como mais um canal de difusão que transforma o rádio num modelo de comunicação multimídia. É o caso de todas as emissoras comunitárias analisadas nesta pesquisa.

Segundo Trigo-de-Souza (2002, p.20), este tipo de emissora disponibiliza, pela internet, a mesma programação que veicula no dial e utiliza o *site*

para buscar novos públicos e não há novos serviços oferecidos especificamente para os *ciberouvintes*. Neste grupo de emissoras, é comum que a *homepage* tenha caráter mais institucional, oferecendo apenas (além da possibilidade de sintonizar a emissora) textos a respeito da história da rádio, sua equipe e grade de programação. Pode trazer ainda fotos e/ou ilustrações como recursos adicionais, assim como oferecer alguns serviços ligados à internet, como salas de bate-papo, possibilidade de participação na programação via e-mail etc.

No caso da pesquisa em questão, se constataram novos serviços oferecidos, como a possibilidade de baixar arquivos de programas sonoros em MP3, além de outros recursos de hipertexto, conforme veremos mais adiante.

As rádios virtuais - que existem somente no ciberespaço, segundo o estudo de Trigo-de-Souza (2002, p.23), podem ser agrupadas como aquelas que disponibilizam programações de rádio com periodicidade definida, atualizadas semanal ou mensalmente, e outras que mantêm *sites* com programações diárias (muitas atingindo 24 horas), e em alguns casos mais de uma opção de programação, como canais especializados em um determinado gênero musical. A presente pesquisa, não se propôs a verificar como estes parâmetros ocorrem no caso das rádios comunitárias.

Vale ressaltar que os *sites* que disponibilizam apenas o áudio de músicas/discos em arquivos e o internauta pode escolher e programar suas opções segundo seu interesse, não são considerados rádio. São as *jukebox*, máquina de tocar discos em que o usuário determina a seqüência de faixas a ouvir (TRIGO-DE-SOUZA, 2002, p.23; BELLIN, apud KUHN, 2000, p.63).

Há também uma terceira modalidade de presença do rádio na internet, a qual não se caracteriza como rádio on-line, pois há ausência de som disponível. São emisoras que disponibilizam apenas *sites* com informações institucionais, sem oferecer acessos on-line à programação.

Tanto Paula Cordeiro (2004, p.5), como Trigo-de-Souza (2002, p.18), chamam a atenção para este tipo de presença do rádio na Internet, sendo que a última autora a denomina de emisoras *off-line* e identificou a existência de algumas rádios que chegam a oferecer algum tipo de áudio, como vinhetas, trilhas ou mesmo músicas, mas não programações completas. Estes mesmos aspectos foram detectados nesta pesquisa.

A presença de rádios comunitárias na Internet

Antes de apresentar os resultados da pesquisa, esclarecem-se os procedimentos metodológicos empregados. No que se refere ao estudo empírico, analisam-se sítios de rádios comunitárias na internet com a intenção de observar as formas de ocupação de espaço na rede e poder esclarecer os objetivos desta investigação, explicitados na introdução deste texto.

Realizou-se, inicialmente, um estudo exploratório, em dezembro de 2004, através de navegação em *sites* de 53 (cinquenta e três) rádios comunitárias, de modo a verificar tendências e descobrir formas de traçar procedimentos metodológicos adequados para análise dos *sites*. Apesar dos indicativos colhidos nesta fase serem muito próximos aos dos resultados finais, decidiu-se por não incluí-los no relatório final pois foi dada preferência à formação de nova base de amostragem com critérios mais objetivos⁶. No entanto, o estudo exploratório possibilitou uma visão geral do funcionamento das rádios comunitárias no ciberespaço e a formação de categorias de análise que se revelaram adequadas para averiguar os dados pretendidos.

Num segundo momento, em junho de 2005, procedeu-se à pesquisa propriamente dita, analisando a presença na internet de 94 (noventa e quatro) emisoras. Trabalhou-se com as seguintes categorias de análise: presença ou ausência dos termos comunitário/comunidade, indicação da localização geográfica, existência ou não de *site*, se estão *on-line* ou *off-line*, tipo de informação disponível, tipo de ênfase no conteúdo, qualidade do site e presença ou ausência de recursos de hipertexto, tipo de vínculo revelado e quais os canais de participação disponibilizados.

A amostra foi selecionada a partir do universo de 130 (cento e trinta) rádios cadastradas, e com *links* disponíveis na Rede Viva Favela, hoje denominada de Rede Viva Rio de Radiodifusão Comunitária (REVI-

RA)⁷. Deste universo foram selecionadas 94 (noventa e quatro) emissoras com base no seguinte critério: faria parte da amostra a emissora que tivesse a palavra comunitária (ou comunidade) no nome fantasia ou no breve texto de apresentação que todas as rádios cadastradas possuem. Abriu-se uma exceção para inclusão da Rádio Fala Mulher, ligada à ONG Cemina, em razão das evidências do trabalho comunitário que realiza.

Com base nesta amostragem, constatou-se que apesar de 94 (noventa e quatro emissoras) explicitarem a palavra “comunitária” (ou “comunidade”) no seu texto de apresentação, apenas 11 (onze) o faz no seu nome fantasia.

Das 94 emissoras (noventa e quatro), 91 (noventa e uma) indicam sua localização geográfica, sendo que a maioria é do Rio de Janeiro e indica bairro ou município como origem.

Quadro 1: Emissoras comunitárias na internet (cadastradas da Rede Revira)

Total de emissoras cadastradas	Emissoras selecionadas para amostra (fase inicial)	Emissoras que informaram sua procedência
130	94	91
Emissoras que informaram seus sites	Emissoras que não informaram seus sites	Emissoras com sites disponíveis (amostra final)
30	64	18

Outro dado interessante é que da amostragem de 94 (noventa e quatro) rádios comunitárias cadastradas na REVIRA, somente 30 (trinta) informaram o endereço eletrônico de seus sítios na internet, conforme pode ser visto no quadro acima. Desse modo, para a continuidade do estudo a única saída foi descartar as 64 (sessenta e quatro) emissoras sem sites na internet como parte da amostra. Em seguida constatou-se que dos 30 (trinta) sites, 9 (nove) não abriram, 3 abriram para os sítios de

suas entidades mantenedoras sem link para a rádio, sendo então também descartados. Portanto, obteve-se uma amostra final de 18 (dezoito) emissoras com sites disponíveis nos dias da pesquisa⁸, para a segunda etapa da pesquisa. Considera-se como sendo a primeira etapa aquela que obteve dados das 94 (noventa e quatro) emissoras e, posteriormente, das 30 (trinta) emissoras, conforme será visto a seguir.

Quadro 2: Emissoras com sites disponíveis na internet

Nº total	Presença off-line	Presença on-line
18	13	5

Com base nos conceitos anteriormente explicitados, constatou-se que apenas 5 (cinco) emissoras estão efetivamente on-line, ou seja podem ser ouvidas através da internet. São do tipo *webradio*, já que estão na internet e no dial simultaneamente. Confirmou-se sua existência também no ar (através do dial) porque todas informaram o número de frequência e a procedência geográfica. Porém, uma das emissoras não apresentou no seu site informações institucionais, somente a rádio está *on-line*.

Como se pode ver no quadro acima, 13 (treze) não disponibilizam sua programação no ciberespaço, sendo portanto, caracterizadas como *off-line*. Elas mantêm sítios com informações institucionais. Algumas disponibilizam também arquivos em áudio.

Como se pode inferir, nenhuma rádio comunitária do tipo “virtual” (que só existe na internet) foi encontrada entre as comunitárias cadastradas na REVIRA.

Entre as 18 (dezoito) rádios, na categoria “tipo de informação disponível”, 15 (quinze) sites contém uma apresentação das emissoras, 14 (quatorze) mostram seu histórico, 7 (sete) apontam os objetivos e 10 (dez) apresentam a grade de programação (sendo que seis, além da grade esclarecem sobre a estratégia de programação), 5 (cinco) divulgam notícias/notas, 13 (treze) dão os nomes dos membros das equipes, e 3

(três) disponibilizam fotografias⁹. Algumas têm a seção “empregos”, outras informam também a área de cobertura geográfica, oferecem *links* para outros *sites* etc.

Com base nas grades de programação e nos textos de apresentação das emissoras, procurou-se identificar quais as tendências de conteúdo das emissoras que mantêm sítios na internet. Lembrando que esta categoria permite classificação múltipla, ou seja, uma mesma emissora pode indicar mais de um estilo de programação, constataram-se as seguintes características entre as 18 (dezoito) emissoras: musical: 10 (dez), jornalística: 3 (três), programação variada: 11 (onze), programação variada, mas com ênfase no popular: 4 (quatro). Como programação variada encontrou-se a combinação de vários gêneros de programas, desde musicais (de vários estilos) até ênfase em cultura regional, programas nitidamente comunitários (educativos, informação local, serviços etc.) ou religiosos (católicos e evangélicos).

Contudo, no nível geral – englobando a primeira etapa da amostra (emissoras sem sites informados ou que não abriram), procurou-se observar este mesmo aspecto a partir do texto-resumo que aparece identificando cada emissora quando se acessa o *link* na listagem da REVIRA. Constatou-se que outras 16 (dezesesseis) se dizem musicais e 22 (vinte e duas) com programação variada.

Numa outra perspectiva e numa análise de conjunto, observa-se um certo equilíbrio entre emissoras que expressam forte vínculo comunitário (programação mobilizadora-educativa), aquelas que se revelam como religiosas (mais evangélicas do que católicas) e aquelas que indicam ser rádios no estilo convencional-comercial, mas que se mostram ligadas às realidades locais.

Na categoria “vínculo que revela”, procurou-se observar a vinculação institucional explícita ou implícita a partir das informações disponíveis, acessadas a partir do menu de opções de navegação e identificadas como “histórico”, “quem somos”,

“programação”, “associação”, “equipe” etc. Observou-se que das 18 (dezoito) rádios, 10 (dez) são ligadas a associações comunitárias e/ou ONGs e demonstram desenvolver trabalhos diretamente voltados à ampliação do exercício da cidadania¹⁰, 3 (três) fazem a mesma coisa, mas explicitam tendências católico-progressistas fortes, e 5 (cinco) parecem possuir uma linha mais individualista-comercial, dentre elas, 3 (três) indicam possuir fortes vínculos com as “comunidades” onde atuam.

A observação de vínculo institucional direto – ou seja a propriedade de cada rádio, não pode ser efetivada porque a maioria não fornece este tipo de informação no *site*.

Finalmente, na categoria “canais de participação” verificou-se que todos os sítios de rádios comunitários da amostra disponibilizam e-mails para contatos, sendo este o único meio para participação do internauta na maioria das emissoras, ou seja, em 13 (treze) emissoras. Supõe-se que este canal de intercâmbio não seja eficiente, pois na fase do estudo exploratório foram enviados e-mails para 7 (sete) emissoras e nenhuma respondeu¹¹.

Apenas 4 (quatro) emissoras – entre as 5 (cinco) que estão on-line – exploram outros canais de participação em seus *sites*, com grande contraste entre elas. Enquanto todas as quatro disponibilizam programas em áudio e/ou vinhetas educativas (para ouvir e/ou baixar), 3 (três) oferecem *links* para outros *sites*, uma delas oferece também espaços para se pedir músicas a serem tocadas em programas, outra faz uma enquête, e uma outra concentra vários canais buscando o envolvimento do “ciberouvinte”, quais sejam: possibilidade de participação em campanha (reciclagem), espaços para perguntas dirigidas a programas, link para envio de reclamações, mural on-line (recados entre internautas), uma enquête, link para resumo das notícias da semana, seção de bate-papo, além de oferecer programas em MP3 a serem baixados.

Como se pode inferir, entre as 5 (cinco) *webrádios* (emissoras com presença nos dois

suportes, *dial* e internet) e as 13 (treze) rádios off-line (só com *site* na internet), apenas 4 (quatro) oferecem recursos de hipertexto.

Entende-se por hipertexto os mecanismos de imersão na internet caracterizados como *links* que levam o usuário a diferentes espaços e que favorecem a interatividade do internauta. Como dizem Packer e Jordan (apud CASTELLS, 2003, p.165), interatividade é a “capacidade do usuário de manipular e afetar diretamente a experiência da mídia e de se comunicar com outros através dela”.

Os recursos do hipertexto, se explorados adequadamente, ampliam o volume e a qualidade da informação disponibilizada, oferecendo opções de conteúdos e facilitando a participação.

Em suma, 4 (quatro) *webrádios* exploram recursos do hipertexto, sendo que apenas uma o faz com maior desenvoltura ao oferecer uma gama variada de complementos de navegação, entre canais de participação na programação da própria rádio e opções de serviços. Nenhum *site* das emissoras off-line utiliza recursos de hipertexto.

Relacionamos a questão do hipertexto à categoria “qualidade dos *sites*”. Neste aspecto, entre as 18 emissoras, apenas 2 (duas) apresentam *sites* considerados “ótimos”, 4 (quatro) “bons”, 8 (oito) “médios” e 4 (quatro) “fracos”, classificados a partir da abundância ou não de informações disponíveis e da exploração dos recursos de hipertexto e facilidade de navegação oferecida.

Para completar o quadro, se nos próprios *sites* apenas 4 (quatro) *webrádios* das 18 (dezoito) emissoras oferecem, através do hipertexto, alguns programas sonoros no *sítio* da Rede REVIRA¹² na listagem inicial que conecta todas as emissoras a ela cadastradas, 14 (quatorze) delas disponibilizam alguns programas sonoros.

As rádios comunitárias na internet podem ser vistas como parte da cibermilitância de que fala Denis de Moraes (2001, p.141), ao ultrapassarem barreiras geográficas e valerem-se da internet enquanto canal público de comunicação, livre de regula-

mentações e controles externos, para disseminar informações e análises que contribuam para o fortalecimento da cidadania e para o questionamento de hegemonias constituídas.

Os dados deste estudo permitem confirmar a hipótese de que a presença das rádios comunitárias é modesta, pois a maioria apenas oferece alguns programas (e ainda através da Rede Viva Rio de Radiodifusão Comunitária - REVIRA); muitas rádios nem oferecem endereços eletrônicos de seus *sites*; entre 18 (dezoito) emissoras, apenas 5 (cinco) se caracterizam como *webrádios* (com programação nos dois suportes – *on-line* e *dial*) e 13 (treze) estão apenas *off-line* (mantém apenas *sites* na internet). Presume-se que a maioria das rádios comunitárias usa a internet, neste momento, mais como forma de difundir sua existência e angariar visibilidade pública, com vistas à sua institucionalização, mas ainda não tem condições para o empoderamento¹³ total da tecnologia digital, de modo a usufruir de todos os recursos que ela oferece. Porém, mesmo sendo minoria, há *sites* de emissoras bem estruturados, cuja programação está simultaneamente no *dial* e *on-line*. Neste caso, estão na prática rompendo com as restrições legais que estipulam as transmissões a 25 watts de potência e a um quilômetro de distância.

Quanto à segunda hipótese de que as rádios comunitárias presentes na internet, apesar de se auto-denominarem como tal, transpareceriam mais como emissoras comerciais e religiosas do que propriamente comunitárias, não se confirmou, pelo menos com base na amostra final de 18 (dezoito) emissoras. Como já amplamente explicitado, se no conjunto de 30 (trinta) emissoras observou-se um certo equilíbrio de tendências entre comunitárias, religiosas e convencionais-comerciais junto às emissoras *on-line* e *off-line* (18 –dezoito- no total), o resultado surpreendeu: a maioria evidenciou fortes laços comunitários em suas localidades de origem.

No que se refere às possíveis contri-

buições para ampliação da cidadania, as rádios comunitárias na internet estão explicitando um passo significativo neste sentido. Exercitam o acesso ao direito à comunicação. Porém, dadas as condições desiguais de acesso das populações empobrecidas às tecnologias digitais, os maiores beneficiários ainda são os próprios realizadores das *webrádios* e das rádios *off-line*, pois enquanto emissores estão participando mais diretamente do ambiente virtual disponibilizado pelas novas tecnologias da informação e comunicação (NTCI).

Certamente o papel social das rádios comunitárias ainda se circunscreve de forma mais expressiva no âmbito das comunidades territoriais e através das tecnologias de comunicação tradicionais. São mais eficientes “no ar” do que “*on-line*”. Mas, sua presença na internet expressa uma demanda pela democratização da comunicação, um avanço do processo de empoderamento social das tecnologias e, ao mesmo tempo, contribuem para a integração na sociedade: revelam a existência de um outro mundo, tão real quanto desconhecido de muitos cidadãos .

Notas

- 1 Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Sonora. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM e realizado no Rio de Janeiro, de 5 a 9 de setembro de 2005.
- 2 Ver, entre outros: (PERUZZO, 2003; 2004).; AMARANTE (2004); DETONI (2004) e LAHNI (2005).
- 3 Fundada no ano 2000, OURMedia/NOSSOS MEIOS é uma nova rede mundial que busca facilitar o diálogo entre professores universitários, acadêmicos, ativistas, profissionais e especialistas para o estabelecimento de diretrizes políticas em torno a iniciativas cidadãs relativas aos meios de comunicação. Fonte: www.ourmedianet.org, tradução nossa.
- 4 Ver PERUZZO (2004).
- 5 Outros trabalhos como os de Cordeiro (2004) e Bufarah

Junior (2003), utilizam o termo *webrádio* para designar emissoras exclusivamente na rede, o que coincide com a classificação de Trigo-de-Souza, que prefere o sinônimo *netrádio*.

- 6 No estudo exploratório a escolha da amostra foi do tipo acidental, com base na localização de emissoras através de sites de busca e incluindo algumas da Rede Viva Favela.
- 7 Fonte: www.redevivafavela.com.br
- 8 Dias 9 e 10 de junho de 2005.
- 9 Um mesmo *site* pode apresentar mais de uma das características citadas.
- 10 Algumas são bem plurais no sentido de abrir espaço para diferentes religiões.
- 11 Em decorrência deste fato descartou-se a entrevista que seria realizada junto aos coordenadores das emissoras enquanto uma outra técnica que seria utilizada.
- 12 A REVIRA oferece também links para a TV Roc (da Rocinha), TV Metrôpole e a alguns programas da TV Globo (motivo de grande embate no seio do das rádios comunitárias). Ver: www.redevivafavela.com.br
- 13 Empoderamento (empowerment em inglês) quer dizer participação popular ativa com poder de controle e de decisão.

Referências

- ALVES, Raquel Porto A . dos Santos. *Rádio no ciberespaço: interseção, adaptação*. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Sonora. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM e realizado em Belo Horizonte-MG, de 02 a 06 de setembro de 2003. Disponível em: www.intercom.org.br. Acesso em: 09.06.05.
- AMARANTE, Maria Inês. *Rádio comunitária na escola: protagonismo adolescente e dramaturgia na comunicação educativa*. São Bernardo do Campo: UMEESP, 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social).
- BUFARAH JUNIOR, Álvaro. *Rádio na internet: convergência de*

- possibilidades. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Sonora. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM e realizado em Belo Horizonte-MG, de 02 a 06 de setembro de 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CORDEIRO, Paula. *Rádio e internet: novas perspectivas para um velho meio*. Trabalho apresentado no II IBÉRICO (Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação) realizado na Universidade Beira Interior, Covilhã - Portugal, de 23 e 24 de abril de 2004.
- CUNHA, Magda. *Rádio e internet: o encontro de suas grandes invenções*. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Sonora. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM e realizado em Porto Alegre-RS, 30 de agosto a 3 de setembro de 2004. Disponível em: www.intercom.org.br. Acesso em: 09.06.2005.
- DETONI, Márcia. *Radiodifusão comunitária: baixa potência, grandes mudanças? - estudo do potencial das emissoras comunitárias como instrumento de transformação social*. São Paulo: ECA-USP, 24.136 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social).
- FINQUEELIEVICH, Susana (Org.). *Ciudadanos a la red! Los vínculos sociales en el ciberespacio*. Buenos Aires: Ciccus-La Crujía, 2000.
- LAHNI, Cláudia Regina. *Possibilidades de cidadania associadas à rádio comunitária Juizforana Mega FM*. São Paulo: ECA-USP, 2005. 289 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social).
- KUHN, Fernando. *O rádio entre o local e o global: fluxo, contrafluxo e identidade cultural na internet*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005. 257 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social).
- _____. *O rádio na internet: rumo à quarta mídia*. Campinas: Unicamp, 2000. 137 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social).
- MORAES, Denis de. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro: PD&A, 2001.
- PERUZZO, Círcia M.K. *Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária*. *Anuário UNESCO/UMESP de comunicação regional*. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco / UMESP, 2003. p.52-78.
- PERUZZO, Círcia M. K. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- RÁDIO comunitária no município de São Roque, em São Paulo, é fechada. REVIRA, 09 mar.2005. Disponível em: www.redevivafavela.com.br. Acesso em: 13 mar.2005.
- SAN MARTIN, Patricia. *Hipertexto: seis propuestas para este milênio*. Buenos Aires: Ciccus-La Crujía, 2003.
- TRIGO-DE-SOUZA, Lígia Maria. *As categorias do rádio na internet*. *Idade Mídia: revista da Faculdade de Comunicação Social Fiam-Faam Centro Universitário*. São Paulo: FIAM-FAAM, v.1, n.2, p.17-26, 2º sem.2002.